

OS BONECOS

RUBEM BRAGA

OS acusados têm a palavra. São um ex-ministro, um ex-general, um ex-diplomata, um ex-chefe partidário, um ex-coronel de polícia, um ex-deputado. São todos homens maduros; tiveram, quase sempre, uma vida especialmente agitada e dura, com altos e baixos. Cada um certamente tem seu temperamento e sua experiência; mas quando esses homens começam a falar são como pobres meninos de escola repetindo a mesma lição.

O que há de impressionante e conflagrador nesse processo de Budapest, perfeitamente igual aos de Moscou, é a monotonia dessa simplificação do homem. Depois de passados pela máquina da organização policial, eles são exibidos à luz do dia em condições perfeitas. Não são mais indivíduos, perderam tudo o que diferencia um ser humano de outros: são pequenas e patéticas máquinas de humilhação, que funcionam do modo mais simples.

Uma coisa que sempre me impressionou na França foi o brio de seus condenados à morte. Não importa o que cada um tenha feito, como tenha traído, que misérlas e infâmias tenha praticado: na hora da explação eles vão buscar não sei onde a força para manter uma estranha dignidade. Durante o processo

defendem-se por todos os meios, reagem a cada pergunta, discutem, negam, acusam e atacam para se defender. Perdida a parada, eles quase sempre sabem ganhar sua hora de morte.

Lá a história de inúmeras execuções, e alguns dos sentenciados eram patifes indefensáveis, que por dinheiro ou medo tinham entregue à tortura e à morte dezenas de patricios. Pois esses homens na hora de morrer parecem dotados de uma força superior, vinda de uma tradição mais forte do que eles mesmos, como se milhares de guilhotinados da Revolução lhes bradassem das sombras do além: "oh tu, não importa quem és, que chegaste ao teu momento: morre com brio!".

São raríssimos os que fogem a essa tradição severa. Um a um, através da história, os condenados de França caminham com a cabeça erguida e insolente para o último instante.

Esses processados de Moscou e Budapest não são homens que esperam ser condenados e executados: antes de terminar o processo eles não existem mais, já foram executados, não são mais homens.

Um a um, os bonecos trêmulos recitam seu monótono papel. Acusam-se; e louvam os que vão matá-los; e acusam os inimigos destes; e terminam pedindo a própria punição. Esses tribunais implacáveis fazem então seu primeiro e último gesto de humanidade: mandam liquidar aqueles monstruosos trapos de gente.

Outra vez o mundo assiste agora a um desses poemas de degradação perto dos quais a "Balada do Cárcere de Reading" parece uma cantiga faceta...

24.9.59

844